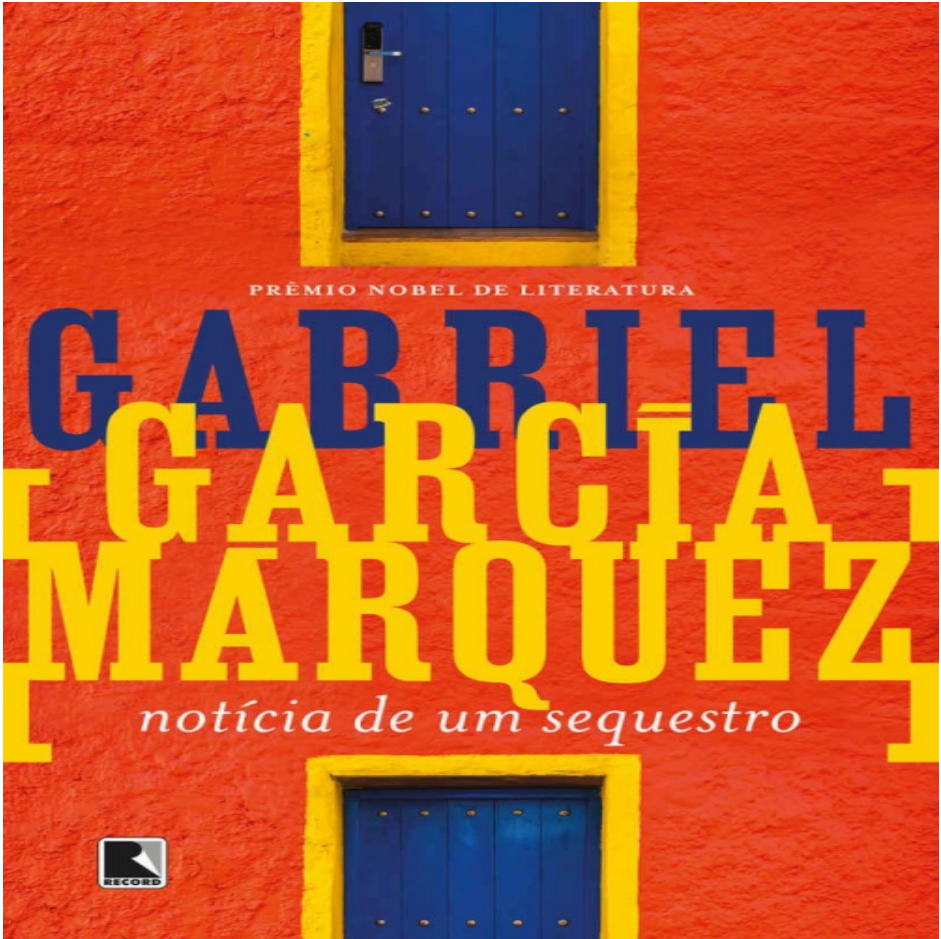




PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

GABRIEL
GARCÍA
MÁRQUEZ
notícia de um sequestro





PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA

GABRIEL
GARCÍA
MÁRQUEZ
notícia de um sequestro



OBRAS DO AUTOR

O amor nos tempos do cólera
A aventura de Miguel Littín, clandestino no Chile
Cem anos de solidão
Cheiro de goiaba
Crônica de uma morte anunciada
Do amor e ouros demônios
Doze contos peregrinos
Os funerais da Mamãe Grande
O general em seu labirinto
A incrível e triste história de Cândida Erêndira
e a sua avó desalmada
Memória de minhas putas tristes
Ninguém escreve ao coronel
Notícia de um sequestro
Olhos de cão azul
O outono do patriarca
Relato de um naufrago
A revoada (O enterro do diabo)
Viver para contar

Obra jornalística

Vol. 1 – Texto caribenhos (1948-1952)
Vol. 2 – Textos andinos (1954-1955)
Vol. 3 – Da Europa e da América (1955-1960)
Vol. 4 – Reportagens políticas (1974-1995)
Vol. 5 – Crônicas (1961-1984)
O escândalo do século

Obra infanto-juvenil

A luz é como a água
Maria dos Prazeres
A sesta da terça-feira
Um senhor muito velho com umas asas enormes
O verão feliz da senhora Forbes
Maria dos Prazeres e outros contos (com Carme Solé Vandrell)

GABRIEL GARCÍA MARQUEZ

notícia de um sequestro

TRADUÇÃO DE
ERIC NEPONUCENO

8ª edição



E D I T O R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2021

EDITORIA-EXECUTIVA

Renata Pettengill

SUBGERENTE EDITORIAL

Mariana Ferreira

ASSISTENTE EDITORIAL

Pedro de Lima

AUXILIAR EDITORIAL

Juliana Brandt

CAPA

Leonardo Iaccarino

TÍTULO ORIGINAL*Noticia de um sequestro***CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

G21n Garcia Márquez, Gabriel, 1928-2014
Notícia de um sequestro [recurso eletrônico] / Gabriel García Márquez; tradução
Eric Nepomuceno. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2021.
recurso digital

Tradução de: Noticia de un secuestro
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5587-303-0 (recurso eletrônico)

1. Pachón, Maruja, 1948-. 2. Sequestro – Colômbia. 3. Reféns – Colômbia. 4.
Tráfico de drogas – Colômbia. 5. Livros eletrônicos. I. Nepomuceno, Eric. II. Título.

21-70768

CDD: 364.15409861

CDU: 341.348(862)

Leandra Felix da Cruz Candido – Bibliotecária – CRB-7/6135

TÍTULO ORIGINAL:

Noticia de un secuestro

Text Copyright © 1996 by Gabriel García Márquez

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito. Proibida a venda desta edição para Portugal e Europa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
EDITORIA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-303-0

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br



SUMÁRIO

Gratidões

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

Epílogo

GRATIDÕES

Em outubro de 1993 Maruja Pachón e seu marido, Alberto Villamizar, me propuseram escrever um livro sobre as experiências dela durante seu sequestro de seis meses, e as árduas negociações em que ele se empenhou para conseguir libertá-la. Eu já estava com o primeiro rascunho bastante avançado quando percebemos que era impossível desvincular aquele sequestro dos outros nove que aconteceram ao mesmo tempo no país. Na verdade, não eram dez sequestros diferentes — como achamos a princípio —, mas um único sequestro coletivo de dez pessoas muito bem escolhidas, executado por uma mesma empresa e com uma mesma e única finalidade.

Esta comprovação tardia nos obrigou a recomençar com uma estrutura e um fôlego diferentes, para que os protagonistas tivessem sua identidade bem definida e seu próprio cenário. Foi uma solução técnica para uma narração labiríntica que no formato inicial teria sido fragorosa e interminável. Deste modo, porém, o trabalho previsto para um ano se prolongou por quase três, sempre com a colaboração cuidadosa e oportuna de Maruja e Alberto, cujos relatos pessoais são o eixo central e o fio condutor deste livro.

Entrevistei todos os protagonistas que pude, e em todos encontrei a mesma disposição generosa de perturbar a paz de sua memória e reabrir para mim as feridas que talvez quisessem esquecer. Sua dor, sua paciência e sua raiva me deram a coragem para persistir nesta tarefa outonal, a mais difícil e triste da minha vida. Minha única frustração é saber que nenhum deles encontrará no papel nada além de um pálido reflexo do horror que padeceram na vida real. Sobretudo as famílias das duas reféns mortas — Marina Montoya e Diana Turbay —, e em especial a mãe de Diana, dona Nydia Quintero de Balcázar, cujas entrevistas foram para mim uma experiência humana dilacerante e inesquecível.

Compartilho esta sensação de insuficiência com duas pessoas que sofreram comigo a carpintaria confidencial do livro: a jornalista Luzángela

Arteaga, que rastreou e capturou numerosas informações impossíveis com uma tenacidade e uma discrição absoluta de caçadora furtiva, e Margarita Márquez Caballero, minha prima-irmã e secretária particular, que cuidou da transcrição, da ordenação, da verificação e do sigilo do intrincado material de base no qual várias vezes nos sentimos a ponto de naufragar.

Para todos os protagonistas e colaboradores, minha gratidão eterna por terem salvado do esquecimento este drama bestial, que por desgraça é apenas um episódio do holocausto bíblico em que a Colômbia se consome há mais de vinte anos. Dedico este livro a todos eles, e com eles a todos os colombianos — inocentes e culpados — na esperança de que nunca mais este livro nos aconteça.

G.G.M.
Cartagena das Índias, maio de 1996.

Antes de entrar no automóvel olhou por cima do ombro para ter certeza de que ninguém a espreitava. Eram sete e cinco da noite em Bogotá. Havia escurecido uma hora antes, o Parque Nacional estava mal iluminado e as árvores sem folhas tinham um perfil fantasmagórico contra o céu turvo e triste, mas não havia à vista nada a temer. Maruja sentou-se atrás do motorista, apesar do cargo que ocupava, porque sempre achou que aquele era o lugar mais cômodo. Beatriz subiu pela outra porta e sentou-se à sua direita. Estavam com quase uma hora de atraso em sua rotina diária, e as duas pareciam cansadas depois de uma tarde soporífera com três reuniões executivas. Sobretudo Maruja, que na noite anterior tivera uma festa em casa e não conseguiu dormir mais do que três horas. Esticou as pernas intumescidas, fechou os olhos com a cabeça apoiada no encosto do banco, e deu a ordem de rotina:

— Para casa, por favor.

Regressavam como todos os dias, às vezes por um trajeto, às vezes por outro, como medida de segurança e também para escapar dos engarrafamentos. O Renault 21 era novo e confortável, e o motorista dirigia com um rigor cauteloso. A melhor alternativa daquela noite foi a avenida Periférica, rumo ao norte. Encontraram os três sinais abertos e o trânsito do anoitecer estava menos complicado que de costume. Mesmo nos piores dias levavam meia hora do escritório até a casa de Maruja, na rua Terceira nº 84A-42, e depois o motorista levava Beatriz até a casa dela, a uns sete quarteirões de distância.

Maruja pertencia a uma família de intelectuais notáveis com várias gerações de jornalistas. Ela também era jornalista, premiada várias vezes. Fazia dois meses que era diretora da Focine, a companhia estatal de fomento cinematográfico. Beatriz, sua cunhada e assistente pessoal, era uma fisioterapeuta de longa experiência que havia feito uma pausa para mudar de atividade durante algum tempo. Sua responsabilidade maior na Focine

era cuidar de tudo que tivesse relação com a imprensa. Nenhuma das duas tinha nada a temer, mas Maruja havia adquirido o costume quase inconsciente de olhar para trás por cima do ombro, desde o mês de agosto anterior, quando os traficantes de drogas começaram a sequestrar jornalistas num vendaval imprevisível.

Foi um temor certo. Embora o Parque Nacional tenha parecido deserto quando ela olhou por cima do ombro antes de entrar no automóvel, oito homens a espreitavam. Um estava ao volante de um Mercedes 190 azul-escuro, com placas frias de Bogotá, estacionado na calçada oposta. Outro estava ao volante de um táxi amarelo, roubado. Quatro, vestindo *jeans*, tênis e blusões de couro, passeavam pelas sombras do parque. O sétimo era alto e bem-vestido, com terno primaveril e maleta de executivo que completava seu aspecto de jovem empresário. De um bar na esquina, a meio quarteirão dali, o responsável pela operação vigiava aquele primeiro episódio real, cujos ensaios, meticulosos e intensos, tinham começado vinte e um dias antes.

O táxi e o Mercedes seguiram o automóvel de Maruja, sempre a uma distância mínima, da maneira exata que tinham feito desde a segunda-feira anterior para determinar os trajetos usuais. Depois de uns vinte minutos todos viraram à direita na rua 82, a menos de duzentos metros do edifício de tijolos aparentes onde Maruja morava com seu marido e um de seus filhos. Mal haviam começado a subir a ladeira íngreme quando o táxi amarelo ultrapassou o automóvel de Maruja, deu uma fechada contra a calçada da esquerda, e o motorista teve que frear de supetão para não bater. Quase ao mesmo tempo, o Mercedes estacionou atrás e deixou o carro de Maruja sem possibilidade de retroceder.

Três homens desceram do táxi e se dirigiram com passos decididos para o automóvel de Maruja. O alto e bem-vestido carregava uma arma estranha, que Maruja pensou ser uma escopeta de culatra recortada com um cano longo e grosso feito uma luneta. Na verdade, era uma Mini Uzi de 9 milímetros com um silenciador capaz de disparar tiro a tiro ou rajadas de trinta balas em dois segundos. Os outros dois atacantes estavam também armados de metralhadoras e pistolas. O que Maruja e Beatriz não conseguiram ver foi que do Mercedes estacionado atrás desceram outros três homens.

Agiram tão entrosados e com tamanha rapidez, que Maruja e Beatriz só conseguiram recordar retalhos dispersos dos dois escassos minutos que o

assalto durou. Cinco homens rodearam o automóvel e dominaram os três ao mesmo tempo com um rigor profissional. O sexto permaneceu vigiando a rua com a metralhadora em punho. Maruja reconheceu o presságio.

— Vamos embora, Ángel — gritou para o motorista. — Suba na calçada, qualquer coisa, mas vamos embora.

Ángel estava petrificado, mas isso não mudava nada: com o táxi na frente e o Mercedes atrás não teria mesmo nenhum espaço para sair. Temendo que os homens comesçassem a disparar, Maruja abraçou a própria bolsa como se fosse um salva-vidas, escondeu-se atrás do assento do motorista, e gritou para Beatriz:

— No chão!

— Nem pensar — murmurou Beatriz. — No chão eles matam a gente.

Estava trêmula, mas firme. Convencida de que era um assalto, tirou com dificuldade os dois anéis da mão direita e jogou-os pela janela, pensando: “Que se danem.” Mas não teve tempo de tirar os da mão esquerda. Maruja, enrolada como um novelo no fundo do assento, nem lembrou que estava com um anel de diamantes e esmeraldas que fazia par com os brincos.

Dois homens abriram a porta de Maruja e outros dois a de Beatriz. O quinto atirou através do vidro contra a cabeça do motorista com um disparo que soou como um suspiro por causa do silenciador. Depois abriu a porta, arrancou-o com um puxão, e deu mais três tiros quando ele já estava estendido no chão. Foi um destino trocado: Ángel Maria Roa era motorista de Maruja fazia apenas três dias, e estava estreando sua nova dignidade com o terno escuro, a camisa engomada e a gravata negra dos motoristas de ministério. Seu antecessor, que havia se aposentado uma semana antes, tinha sido o motorista titular da Focine durante dez anos.

Maruja só ficou sabendo do atentado contra o motorista muito mais tarde. Do seu esconderijo, só percebeu o ruído instantâneo dos vidros quebrados, e em seguida um grito peremptório quase em cima dela: “Viemos buscar a senhora. Saia!” Uma garra de ferro grudou em seu braço e arrancou-a arrastada do automóvel. Ela resistiu o que pôde, caiu, raspou uma perna, mas os homens a ergueram e levaram até o automóvel que estava estacionado atrás do dela. Ninguém percebeu que Maruja estava agarrada à sua bolsa.

Beatriz, que tem unhas longas e duras e um bom treinamento militar, enfrentou o rapaz que tentou arrancá-la de dentro do automóvel. “Não toque

em mim!”, gritou. Ele se encrespou, e Beatriz percebeu que estava tão nervoso como ela, e que podia ser capaz de qualquer coisa. Mudou de tom.

— Eu desço sozinha — disse. — Diga o que devo fazer.

O rapaz apontou para o táxi.

— Entre nesse carro e jogue-se no chão — disse. — Depressa!

As portas estavam abertas, o motor ligado e o motorista imóvel em seu lugar. Beatriz estendeu-se do jeito que pôde na parte traseira. O sequestrador cobriu-a com sua jaqueta e se ajeitou no banco com os pés apoiados em cima dela. Outros dois homens entraram: um ao lado do motorista, o outro atrás. O motorista esperou a batida simultânea das duas portas e arrancou aos trancos para o norte pela avenida Periférica. Só então Beatriz percebeu que tinha esquecido a bolsa no banco do seu automóvel, mas já era tarde. Mais que o medo e a incomodidade, o que não conseguia suportar era o fedor de amoníaco da jaqueta.

O Mercedes em que fizeram Maruja entrar tinha arrancado um minuto antes, e por um rumo diferente. Ela foi posta no centro do banco traseiro com um homem a cada lado. O da esquerda forçou-a a apoiar a cabeça sobre os joelhos dele numa posição tão incômoda que ela quase não conseguia respirar. Ao lado do motorista havia um homem que se comunicava com o outro automóvel por meio de um rádio primitivo. O desconcerto de Maruja era maior porque não sabia em que automóvel a estavam levando — pois nunca soube que tinha estacionado atrás do dela — mas sentia que era novo e confortável, e talvez blindado, porque os ruídos da avenida chegavam em surdina como um murmúrio de chuva. Não conseguia respirar, o coração lhe saía pela boca e começava a sentir que estava ficando sufocada. O homem ao lado do motorista, que agia como chefe, percebeu sua ansiedade e tentou acalmá-la.

— Fique tranquila — disse, por cima do ombro. — Estamos levando a senhora para que entregue um comunicado. Em poucas horas estará em casa. Mas se a senhora se mexer, vai acabar mal. Por isso, fique tranquila.

Também o que a forçava contra os joelhos tentava acalmá-la. Maruja aspirou forte e expirou pela boca, muito devagar, e começou a se recuperar. A situação mudou a poucos quarteirões dali, porque o automóvel encontrou um engarrafamento numa ladeira forte. O homem do rádio começou a gritar ordens impossíveis que o motorista do outro carro não conseguia obedecer. Havia várias ambulâncias empacadas em algum ponto da autopista, e o alvoroço das sirenes e das buzinas ensurdecedoras dava para enlouquecer

qualquer um que não tivesse os nervos no lugar. E os sequestradores, pelo menos naquele momento, não tinham. O motorista estava tão nervoso tentando abrir caminho que bateu num táxi. Foi apenas uma batida leve, mas o taxista gritou alguma coisa que aumentou o nervosismo de todos. O homem do rádio ordenou que avançassem do jeito que fosse, e o automóvel escapou por cima de calçadas e terrenos baldios.

Livre do engarrafamento, continuou subindo. Maruja teve a impressão de que iam para La Calera, uma subida muito concorrida àquela hora. Maruja lembrou de repente que tinha no bolso do *blazer* algumas sementes de cardamomo, que são um tranquilizante natural, e pediu aos sequestradores que a deixassem mastigar algumas. O homem da direita ajudou-a a procurar no bolso, e percebeu que Maruja estava abraçada à bolsa. Tomaram a bolsa, mas lhe deram o cardamomo. Maruja tentou ver bem os sequestradores, mas a luz era muito escassa. Atreveu-se a perguntar: “E vocês, quem são?” O do rádio respondeu com voz calma e repousada:

— Somos do M-19.

Uma bobagem, porque o M-19 já estava na legalidade fazendo campanha para participar da Assembleia Constituinte.

— Falando sério — disse Maruja. — São traficantes ou guerrilheiros?

— Guerrilheiros — falou o homem da frente. — Mas fique tranquila, só queremos que a senhora leve um recado. De verdade.

Interrompeu o que dizia para ordenar que pusessem Maruja no chão, porque iam passar por uma barreira da polícia. “Agora, não se mexa nem diga nada, ou a gente mata a senhora”, disse. Ela sentiu o cano de um revólver nas costelas e o homem que ia ao seu lado terminou a frase.

— Estamos apontando para a senhora.

Foram uns dez minutos eternos. Maruja concentrou suas forças, mastigando as sementes de cardamomo que a reanimavam cada vez mais, mas a posição ruim não permitia que ela visse ou escutasse o que falaram na barreira, se é que falaram alguma coisa. A impressão de Maruja é que passaram sem perguntas. A suspeita inicial de que iam para La Calera tornou-se uma certeza, e isso deu a ela um certo alívio. Não tentou se erguer, porque se sentia mais confortável com a cabeça apoiada nos joelhos do homem. O carro percorreu um caminho de argila, e uns cinco minutos mais tarde parou. O homem do rádio disse:

— Chegamos.

Não se via nenhuma luz. Cobriram a cabeça de Maruja com um blusão e fizeram-na sair agachada, de maneira que só conseguia ver os próprios pés avançando, primeiro através de um pátio e depois talvez por uma cozinha de lajotas. Quando destaparam sua cabeça ela percebeu que estavam num quartinho de uns dois metros por três, com um colchão no piso e uma lâmpada vermelha no teto. Um instante mais tarde entraram dois homens mascarados com uma espécie de gorro que cobria seus rostos deixando apenas os olhos livres, e que na verdade era uma perna de um agasalho de ginástica, com três buracos para os olhos e a boca. A partir de então, durante todo o tempo do cativeiro, não tornou a ver o rosto de ninguém.

Percebeu que os dois que tomavam conta dela não eram os mesmos que a haviam sequestrado. Suas roupas estavam usadas e sujas, eles eram mais baixos que Maruja, que mede um metro e sessenta e sete, e tinham corpos e vozes mais jovens. Um deles ordenou que Maruja entregasse as joias que estava usando. “Por medida de segurança”, disse ele. “Não vai acontecer nada com elas.” Maruja entregou o anel de esmeraldas e diamantes minúsculos, mas não os brincos.

Beatriz, no outro automóvel, não pôde chegar a nenhuma conclusão sobre o trajeto. Ficou o tempo todo estendida no chão do carro e não recordava ter subido uma ladeira tão empinada como a de La Calera, nem passaram por nenhuma barreira, embora talvez o táxi tivesse algum privilégio para não ser detido. O ambiente no trajeto foi de um grande nervosismo por causa da confusão do trânsito. O chofer gritava no rádio dizendo que não podia passar por cima dos carros, perguntava o que fazer, e isso deixava ainda mais nervosos os homens do automóvel dianteiro, que lhe davam indicações diferentes e contraditórias.

Beatriz estava muito incômoda, com a perna dobrada e atordoada pelo fedor da jaqueta. Tentava se acomodar. Seu guardião pensou que ela estava se rebelando e procurou acalmá-la: “Calma, meu bem, não vai acontecer nada. Você só vai levar um recado para alguém.” Quando enfim entendeu que ela estava com a perna mal-ajeitada, ajudou-a a estendê-la e foi menos brusco. Acima de tudo, Beatriz não conseguia suportar que ele dissesse “meu bem”, e essa falta de cerimônia quase a ofendia mais que o cheiro da jaqueta. E quanto mais ele tentava tranquilizá-la mais ela se convencia de que iriam matá-la. Calculou que a viagem não durou mais do que quarenta minutos, de modo que quando chegaram à casa deviam ser quinze para as oito.

A chegada foi idêntica à de Maruja. Taparam sua cabeça com o agasalho empestado e a puxaram pela mão com a advertência que só olhasse para baixo. Viu a mesma coisa que Maruja: o pátio, o piso de lajotas, dois degraus finais. Mandaram que ela se movesse para a esquerda, tiraram a jaqueta da sua cabeça. Lá estava Maruja sentada num tamborete, pálida debaixo da luz vermelha da única lâmpada.

— Beatriz! — disse Maruja. — Você aqui?

Não sabia o que tinha acontecido com ela, mas pensou que houvesse sido libertada por não ter nada a ver com nada. E no entanto, ao vê-la ali, sentiu ao mesmo tempo uma grande alegria por não estar sozinha, e uma imensa tristeza porque a haviam sequestrado também. As duas se abraçaram como se não se vissem há muito tempo.

Era inconcebível que pudessem sobreviver naquele quarto horrendo, dormindo sobre o único colchão estendido no piso e com dois vigilantes mascarados que não as perderiam de vista em nenhum instante. Um novo mascarado, elegante, fornido, com pelo menos um metro e oitenta de altura, e que os outros chamavam de *Doutor*, assumiu então o comando com ares de grande chefe. Tiraram os anéis da mão esquerda de Beatriz e não perceberam que ela estava usando uma correntinha de ouro com uma medalha da Virgem.

— Esta é uma operação militar e não vai acontecer nada com vocês — disse o recém-chegado, e repetiu: — Nós só as trouxemos aqui para que levem um comunicado ao governo.

— E quem são vocês? — perguntou Maruja.

Ele ergueu os ombros. “Isso agora não interessa”, disse. Levantou a metralhadora para que elas vissem bem e prosseguiu: “Mas quero avisar uma coisa. Esta é uma metralhadora com silenciador, ninguém sabe onde vocês estão, nem com quem. Se gritarem ou fizerem qualquer coisa, sumimos com vocês num minuto e ninguém nunca mais vai saber.” As duas prenderam a respiração à espera do pior. Mas depois das ameaças o chefe se dirigiu a Beatriz.

— Agora vamos separar vocês duas, mas a senhora vai ser solta — disse. — Nós a trouxemos por engano.

Beatriz reagiu de imediato.

— Ah, não — disse ela sem duvidar nem um pouco. — Eu fico fazendo companhia a Maruja.

Foi uma decisão tão valente e generosa, que o próprio sequestrador exclamou espantado e sem uma gota de ironia: “A senhora tem uma amiga leal, dona Maruja.” Agradecida em meio à sua consternação, Maruja confirmou que era isso mesmo, e agradeceu a Beatriz. O *Doutor* perguntou então se elas queriam comer alguma coisa. As duas disseram que não. Pediram água, pois estavam com a boca ressecada. Levaram refrigerantes para elas. Maruja, que está sempre com um cigarro aceso e o maço e o isqueiro ao alcance da mão, não havia fumado durante o trajeto. Pediu que lhe devolvessem a bolsa, onde estavam os cigarros, e o homem deu a ela um dos seus.

As duas pediram para ir ao banheiro. Beatriz foi primeiro, coberta por um pano rasgado e sujo. “Olhe para o chão”, alguém mandou. Foi levada pela mão por um corredor estreito até um banheirinho ínfimo, em péssimo estado e com uma janelinha triste aberta para a noite. A porta não tinha maçaneta por dentro, mas fechava direito, e Beatriz encarapitou-se na privada e olhou pela janela. A única coisa que pôde ver à luz de um poste foi uma casinha de tijolo com telhas vermelhas e um prado na frente, como tantas pelas estradas da savana.

Quando regressou ao quarto encontrou a situação mudada por completo. “Acabamos de saber quem é a senhora, e também serve para nós — disse o *Doutor*.— Vai ficar com a gente.” Souberam pelo rádio, que acabava de dar a notícia do sequestro.

O jornalista Eduardo Carrillo, que cuidava da informação sobre segurança pública na Radio Cadena Nacional (RCN), estava fazendo uma consulta a uma fonte militar quando esta recebeu pelo celular a notícia do sequestro. Naquele mesmo instante a notícia começou a ser transmitida sem maiores detalhes. Foi assim que os sequestradores ficaram sabendo da identidade de Beatriz.

A rádio disse também que o motorista do táxi trombado anotou dois algarismos da placa e os dados genéricos do automóvel que havia amassado o seu. A polícia estabeleceu o trajeto de fuga. Portanto, aquela casa tinha se tornado perigosa para todos e precisavam sair dali com rapidez. Pior: as sequestradas iriam num carro diferente, e trancadas no porta-malas.

As reclamações delas foram inúteis, porque os sequestradores pareciam mais assustados que as duas e não escondiam isso. Maruja pediu um pouco de álcool de farmácia, aturdida pela ideia de que iam se asfixiar no porta-malas.

— Aqui não temos álcool — disse o *Doutor*, áspero. — Vão no porta-malas e ponto final. Depressa.

Obrigaram as duas a tirar os sapatos e a carregá-los na mão enquanto as conduziam através da casa até a garagem. Lá descobriram suas cabeças e as meteram no porta-malas do carro, mas sem forçá-las. O espaço era suficiente e bem ventilado porque tinham tirado as borrachas da vedação. Antes de fechar a mala, o *Doutor* largou uma rajada de terror.

— Estamos levando dez quilos de dinamite — disse. — Ao primeiro grito, ou tosse, ou choro, ou seja lá o que for, descemos do carro e explodimos tudo.

Para alívio e surpresa das duas, pelas frestas do porta-malas entrava uma corrente fria e pura que parecia ar condicionado. A sensação de sufoco desapareceu, e ficou apenas a incerteza. Maruja assumiu uma atitude ensimesmada que poderia ser confundida com um completo abandono, mas na realidade era sua fórmula mágica para superar a ansiedade. Beatriz, por sua vez, intrigada por uma curiosidade insaciável, chegou até a fresta luminosa do porta-malas mal-ajustado. Pelo vidro traseiro viu os passageiros do carro: dois homens no banco de trás, e uma mulher de cabelo comprido ao lado do motorista, com um bebê de uns dois anos. À sua direita viu o grande anúncio de luz amarela de um conhecido centro comercial. Não havia dúvida: era a autopista que vai para o norte, iluminada em um longo trecho, e depois a escuridão total num caminho aberto, onde o carro reduziu a marcha. Após uns quinze minutos, parou.

Devia ser outra barreira. Ouviam-se vozes confusas, ruídos de outros automóveis, música; mas estava tão escuro que Beatriz não conseguia distinguir nada. Maruja ficou alerta, prestou atenção, esperançosa de que fosse um posto de controle onde eles seriam obrigados a mostrar o que estavam levando no porta-malas. O carro partiu depois de uns cinco minutos e subiu por uma ladeira empinada, mas desta vez não conseguiram identificar o trajeto. Uns dez minutos depois, parou de novo e alguém abriu o porta-malas. Outra vez taparam suas cabeças e as ajudaram a sair às escuras.

Fizeram juntas um percurso semelhante ao que tinham feito na outra casa, olhando para o chão e guiadas pelos sequestradores através de um corredor, uma salinha onde outras pessoas falavam aos sussurros e, afinal, um quarto. Antes de fazê-las entrar, o *Doutor* as preparou.

— Agora vocês vão encontrar uma pessoa amiga — disse ele.

A luz dentro do quarto era tão escassa que precisaram de um momento para acostumar a vista. O espaço não tinha mais do que dois metros por três, com uma única janela tapada. Sentados num colchão de solteiro colocado no chão, dois encapuzados como os da casa anterior viam televisão, absortos. Tudo era lúgubre e opressivo. No canto à esquerda da porta, sentada numa cama estreita com cabeceira de ferro, havia uma mulher fantasmagórica com o cabelo branco e opaco, os olhos atônitos, a pele grudada nos ossos. Ela não deu sinais de haver notado que elas entraram; não olhou, não respirou. Nada: um cadáver não teria parecido tão morto. Maruja superou o impacto.

— Marina! — murmurou.

Era Marina Montoya, sequestrada fazia quase dois meses, e que era dada por morta. Germán Montoya, seu irmão, havia sido secretário-geral da presidência da república, com grande poder no governo de Virgilio Barco. Um de seus filhos, Álvaro Diego, gerente de uma importante companhia de seguros, fora sequestrado pelos traficantes para pressionar uma negociação com o governo. A versão mais corrente — nunca confirmada — foi de que o liberaram pouco depois por um acordo secreto que o governo não cumpriu. O sequestro de sua tia Marina nove meses depois só podia ser interpretado como uma represália infame, pois naquela altura ela já carecia de valor de troca. O governo de Barco havia terminado, e Germán Montoya era embaixador da Colômbia no Canadá. Portanto, estava na consciência de todos que Marina tinha sido sequestrada apenas para ser morta.

Depois do escândalo inicial do sequestro, que mobilizou a opinião pública nacional e internacional, o nome de Marina havia desaparecido dos jornais. Maruja e Beatriz a conheciam bem, mas para elas não foi fácil reconhecê-la. O fato de terem sido levadas para o mesmo quarto significou para as duas desde o primeiro momento que estavam na cela dos condenados à morte. Marina permaneceu imutável. Maruja apertou-lhe a mão e um calafrio a estremeceu. A mão de Marina não era fria nem quente, nem transmitia nada.

O prefixo musical do noticiário da televisão tirou-as do estupor. Eram nove e meia da noite do dia 7 de novembro de 1990. Meia hora antes, o jornalista Hernán Estupiñán, do *Noticiero Nacional*, tinha sido informado do sequestro por um amigo da Focine e foi até o local. Ainda não havia retornado com os detalhes completos quando o diretor e apresentador Javier Ayala abriu a emissão com a notícia urgente, antes mesmo das manchetes

do dia: *A diretora-geral da Focine, dona Maruja Pachón de Villamizar, esposa do conhecido político Alberto Villamizar, e a irmã dele, Beatriz Villamizar de Guerrero, foram sequestradas às sete e meia desta noite.* O propósito parecia claro: Maruja era irmã de Gloria Pachón, viúva de Luis Carlos Galán, o jovem jornalista que em 1979 havia fundado o Novo Liberalismo para renovar e modernizar os deteriorados costumes políticos do partido liberal, e era a força mais séria e enérgica contra o narcotráfico e a favor da extradição de colombianos.